

O Homem como Imagem e Semelhança de Deus: Uma perspectiva Reformada

“O mundo foi originalmente criado para este propósito, que todas as partes dele se destinem à felicidade do homem como seu grande objeto” – João Calvino.¹

Deus nos criou “e pôs neste mundo para ser glorificado em nós. E é coisa justa que toda nossa vida se destine à sua glória” – João Calvino.²

Introdução:

Que é o homem?

Não é a primeira vez que se faz esta pergunta, e a nossa tentativa em respondê-la, ainda que parcialmente, não é a primeira nem será a última. Já os filósofos da Antiga Grécia pensaram sobre o assunto e as opiniões eram as mais diversas como ainda ocorre entre os “amantes da sabedoria”. A Antropologia Filosófica, uma das disciplinas que tratam deste assunto, tem como escopo de sua abordagem esta pergunta, propondo-se a respondê-la, reconhecendo a sua abrangência e complexidade. Perguntamos pelo homem partindo de nossa concretude: somos homens que vivem dentro de nossos condicionantes históricos, sociais, políticos, religiosos, etc. Também perguntamos pelo homem porque sabemos aspectos de sua natureza, mas, também porque o desconhecemos em sua amplitude: “É sempre o homem concreto, condicionado, que pergunta pela essência do homem”.³ Portanto, a pergunta pelo homem revela a nossa existência em seu conhecimento e limitação: Conheço o suficiente para perguntar, mas não para me satisfazer. Daí a questão: que é homem?

Por sua vez, o desejo de conhecer é um atributo do ser humano. Neste sentido, Aristóteles (384-322 a.C.) declarou: "Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer".⁴

O homem carrega consigo o desejo de conhecer; e este desejo o acompanha por

¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.6), p. 172.

² João Calvino, *Catecismo de Genebra*, Perg. 2. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires: La Aurora, 1962, p. 29.

³ Edvino A. Rabuske, *Antropologia Filosófica: um estudo sistemático*, 8ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2001, p. 17.

⁴ Aristóteles, *Metafísica*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. IV), 1973, I.1. p. 211.

toda a sua existência, visto que a onisciência lhe escapa. É justamente através do conhecimento que descobrimos os nossos limites. Conhecer significa interpretar os fatos, apontando trilhas, descobrindo sinais que precisam ser decodificados, a fim de que, paradoxalmente, emitamos outros sinais, que outros aprendizes do saber interpretarão, deixando também a sua rota, que não será necessariamente boa para outro aprendiz do saber. Por isso, é que podemos afirmar que a vida é uma interpretação existencial, viva, do que vemos e sentimos. Sou aquilo que sinto. Sinto conforme sou. O sentir está para o ser como o ser para o sentir. O fato é que em grande parte, o nosso comportamento e a nossa vida se constituem numa resposta (não simplesmente "reação") ao que vemos, à nossa leitura vivida do mundo. O modo como enxergamos o mundo, a nossa cosmovisão, se reflete em nosso modo de viver e de ser. Talvez seja isto que contribua para que o homem seja um desconhecido para si mesmo como para os outros.⁵ Não é à toa, que o poeta E. Young (1683-1765) chama o homem de "incompreensível",⁶ Santo Agostinho (354-430) o denomine de "α-bismo",⁷ Chesterton (1874-1936) o considere *comovente*⁸ e Schaeffer (1912-1984) o chame de "maravilhoso".⁹ "Só o homem é miserável",¹⁰ porque ele conhece a sua miséria. A sua grandeza está em saber, perceber que é miserável.

O homem está acima de toda a criação; ele talvez seja o mais frágil de tudo o que foi criado; todavia ele sabe quem e o que é; é um "caniço pensante";¹¹ por isso mesmo, o homem é o milagre mais portentoso de todos:¹² é a obra-prima de Deus.¹³

⁵ C.G. Jung, *Psicologia e Religião*, Petrópolis, RJ.: Vozes, 1978, § 140, p. 87. O título da obra de Rollo May é significativo, *O Homem à Procura de Si Mesmo*, Petrópolis, RJ.: Vozes, 1971, 230p.

⁶ Edward Young, *Pensamentos Noturnos*: In: Gabriel V. do Monte Pereira, red. *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, Lisboa: Sociedade Internacional, (s.d.), Vol. XIII, p. 6231.

⁷ Agostinho, *Confissões*, 9ª ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1977, IV.14. p. 102.

⁸ "O simples homem sobre duas pernas, tal qual é, devia comover-nos mais do que nos comove qualquer música e impressionar-nos mais do que nos impressiona qualquer caricatura" (G.K. Chesterton, *Ortodoxia*, 5ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1974, p. 83).

⁹ "Jamais estaremos em condições de tratar as pessoas como seres humanos, de atribuir a elas o mais alto nível de humanidade verdadeira, a menos que realmente conheçamos a sua origem – quem essas pessoas são. Deus diz ao homem quem ele é. Deus nos diz que Ele criou o homem à sua imagem. Portanto, o homem é algo maravilhoso" (Francis A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 34). "Na verdade, o homem é uma maravilhosa criação de Deus" (Francis Schaeffer. *A Obra Consumada de Cristo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 74). Ainda que por outros motivos, Shakespeare usa a mesma expressão para o homem: "Que obra-prima é homem! Como é nobre pela razão! Como é infinito em faculdade! Em forma e movimentos, como é expressivo e maravilhoso! Nas ações, como se parece com um anjo! Na inteligência, como se parece com um deus! A maravilha do mundo! Protótipo dos animais!" [William Shakespeare, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, São Paulo: Abril Cultural, 1978, II.2].

¹⁰ Blaise Pascal, *Pensamentos*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, 16), 1973, VI. 399, p. 136.

¹¹ B. Pascal, *Pensamentos*, VI.347. p. 127

¹² Sófocles, *A Antígone*, 2ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1968, 330.

¹³ Prefácio de Calvino à tradução do Novo Testamento feita por Pierre Olivétan. In: Eduardo Galasso Faria, ed. *João Calvino: Textos Escolhidos*, São Paulo: Pendão Real, 2008, p. 14; W. Shakespeare, *Hamlet*, São Paulo: Abril Cultural, (Obras Primas), 1978, II.2.

O homem como ser pensante, traduz em sua vida a necessidade de satisfazer o seu desejo vital de conhecer. É justamente nesta carência que ele revela mais uma vez a sua força: desejar conhecer significa ter consciência de que não se sabe e, concomitantemente, de que se pode saber. René Descartes (1596-1650), em suas *Meditações*, assim se expressou: "Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que nega, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente".¹⁴

A vida humana não é apenas para ser vivida antes, há de forma imperativa o desejo de compreendê-la. Compreender a vida, ainda que tenhamos necessariamente que passar por vários caminhos, inclusive o teológico, não escapa a perspectiva antropológica: conhecer o homem. O homem deseja não apenas participar do espetáculo da vida, mas, também, entender os seus processos, compreendendo a natureza de seus atores.

1) O Homem Como Centro de Todas as Coisas?!:

"É perigoso fazer ver demais ao homem quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver demais a sua grandeza sem a sua baixaza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas é muito vantajoso representar-lhe ambas" – Pascal.¹⁵

Uma das características do homem "pós-moderno" é a falta de referenciais. Através dos séculos ele tem destruído tudo o que foi apontado como modelo de orientação e padrão de avaliação. Ele destruiu suas tradições e dogmas, esqueceu-se de Deus, alijando todas as suas referências... Assim, sem orientação, paradoxalmente, sente-se livre e ao mesmo tempo inseguro diante das incertezas resultantes de suas escolhas. Aniquilou o que tinha e não sabe como recomeçar. Mondin resume:

"Perdeu a referência que lhe servia de orientação e não consegue mais encontrar parâmetros válidos sobre os quais fundar seus juízos. Não sabe mais distinguir entre o bem e o mal, entre o verdadeiro e o falso, entre o belo e o feio, entre o justo e o injusto, entre o útil e o prejudicial, entre o lícito e o ilícito, entre o decente e o inconveniente etc. (...) As antigas certezas culturais e morais jazem por terra; os valores sobre os quais se fundava a nossa civilização foram como que esmagados e dissolvidos; os pontos de referência do progresso e da ação perderam sua consistência".¹⁶

¹⁴ R. Descartes, *Meditações*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XV), 1973, III.1. p. 107. (Vd. também, II.9. p. 103).

¹⁵ Blaise Pascal, *Pensamentos*, VI.418. p. 139.

¹⁶ Battista Mondin, *Curso de Filosofia*, São Paulo: Paulinas, 1983, Vol. III, p. 7.

A nossa época atingiu o clímax do humanismo que gerou algo tragicamente desumano. Vejamos algumas pinceladas de como isso se deu.

A) O HUMANISMO RENASCENTISTA:

Se a Idade Média foi o “tempo” de Deus; a Renascença foi o “tempo” do homem. Este conceito pode ser elaborado de muitos modos, mas, esta perspectiva dificilmente pode ser questionada, exceto por dois aspectos: Na Idade Média o Deus buscado, em muitos sentidos não era o Deus da revelação bíblica e, o Humanismo-Renascentista, graças à Reforma, não limitou o seu olhar ao homem como o fim de todas as coisas. Aliás, a Reforma é sobre muitos aspectos uma correção ao Humanismo-Renascentista, tão dominando pela visão grega. Creio que neste sentido a Reforma foi mais revolucionária do que os historiadores, filósofos e sociólogos estão dispostos a admitir.¹⁷ No entanto, acreditamos que essas duas perspectivas não invalidam o princípio predominante enunciado: Se a Idade Média foi o “tempo” de Deus; a Renascença foi o “tempo” do homem.

No quinto século antes de Cristo, o filósofo sofista grego Protágoras (c. 480-410 a.C.) na sua obra, hoje perdida, *A Verdade* (Ἀλήθεια) disse: *Homo Mensura*, ou na forma completa: "O homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem".¹⁸ A Renascença se caracteriza pela tentativa de vivenciar este conceito. Neste período houve uma "virada antropológica". Deus cedeu lugar ao homem, deixando de ser o centro das atenções; o "homem virtuoso" passou a ocupar o trono da história. "O homem pelo homem para o homem"; este é, de certa forma, o lema implícito do Humanismo Renascentista.

¹⁷ Schaeffer (1912-1984) percebe isso ao dizer: "A Reforma foi revolucionária porquanto se apartou tanto do humanismo católico-romano como do secular" (Francis A. Schaeffer, *A Fe de los Humanistas*, 2ª ed. Madrid: Felire, 1982, p. 10). É digna de nota a observação do filósofo católico Émile Bréhier (1876-1952): "A Reforma opõe-se tanto à teologia escolástica, quanto ao humanismo. Nega a teologia escolástica, porque nega, com Ockham, que nossas faculdades racionais possam conduzir-nos da natureza ao seio de Deus. Renega o humanismo, menos por seus erros do que por seus perigos, posto que as forças naturais não podem comunicar qualquer sentido religioso" (É. Bréhier, *História da Filosofia*, São Paulo: Mestre Jou, 1977-1978, I/3, p. 209). Semelhantemente, afirma o historiador francês Boisset: "A preocupação do humanista, em suma, é afirmar e demonstrar a grandeza do homem; a do reformador, segundo a expressão de Calvino, é dar testemunho da 'honra de Deus'." [Jean Boisset, *História do Protestantismo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, (Coleção "Saber Atual"), p. 17].

¹⁸ *Apud* Platão, *Teeteto*, 152a: In: *Teeteto-Crátilo*, 2ª ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988, p. 15. Citado também em Platão, *Crátilo*, 385e. Aristóteles, diz: "O princípio (...) expresso por Protágoras, que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas (...) outra coisa não é senão que aquilo que parece a cada um também o é certamente. Mas, se isto é verdade, conclui-se que a mesma coisa é e não é ao mesmo tempo e que é boa e má ao mesmo tempo, e, assim, desta maneira, reúne em si todos os opostos, porque amiúde uma coisa parece bela a uns e feia a outros, e deve valer como medida o que parece a cada um" (*Metafísica*, XI, 6. 1 062. Vd. também, Platão, *Eutidemo*, 286). Platão diferentemente de Protágoras, entendia que a medida de todas as coisas estava em Deus. "Aos nossos olhos a divindade será 'a medida de todas as coisas' no mais alto grau" (Platão, *As Leis*, Bauru, SP.: EDIPRO, 1999, IV, 716c. p. 189).

B) O ILUMINISMO:

As respostas que buscamos ainda hoje estão relacionadas às questões levantadas direta ou indiretamente pelos iluministas. A teologia ocorre dentro da história, no tempo, com todos os seus conflitos, angústias e necessidades vitais de resposta. Realçando a atualidade das questões levantadas pelos iluministas, Tillich (1886-1965), conclui: “A maior parte de nossa vida acadêmica se baseia neles”.¹⁹

O Iluminismo em seu otimismo considerou a *autonomia* humana como o centro de todo o seu pensar e agir. Acontece, que a centralização do homem, a busca de sua essência como fim último de todas as coisas, não poderia nem pode gerar valores permanentes. Ainda hoje, curiosamente, somos muitas vezes levados a pensar no homem “como a medida de todas as coisas”: como se a solução de todos os seus problemas estivesse simplesmente na capacidade de olhar para dentro de si. Ora, não estamos dizendo que a reflexão e a auto-análise não sejam relevantes, antes, o que estamos propondo, é que a essência do homem não pode ser simplesmente determinada em si e por si; é preciso uma dimensão verdadeiramente teológica, para que possamos entender melhor o que somos. A genuína antropologia deve ser sempre e incondicionalmente teocêntrica!²⁰ Toda afirmação teológica tem implicações antropológicas, quer explícitas, quer implícitas.²¹

O Humanismo renascentista veio na esteira do pensamento grego cujos valores foram herdados pelo iluminismo e tem o seu clímax nos humanistas seculares modernos.²² O trágico é que homem longe de Deus tentou de todas as formas a sua autonomia não alcançando a compreensão de que toda a vida é relacional. Portanto, se a *Idade Média* foi pretensamente o tempo de Deus, o *Renascimento* foi o tempo do homem, o *Iluminismo* o tempo da razão, o século XX da ciência e da técnica,

¹⁹ Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, São Paulo: ASTE, 1986, p. 47.

²⁰ Segundo me parece, uma compreensão semelhante pode ser encontrada em Wriqth, quando assevera: “Como cristãos informados pela Palavra de Deus, percebemos que o mundo não pode interpretar-se a si próprio. O verdadeiro conhecimento do ‘eu’ envolve primeiro o ouvir Deus falar na Escritura. Os cristãos também têm concluído que o valor da vida de uma pessoa não depende da capacidade de examinar-se a si mesma em termos de alguma filosofia, mas do lugar que a pessoa tem no plano de Deus. Contudo, o auto-exame é tão difícil agora como sempre foi, e todos nós temos áreas em nossa vida que não examinamos bem de perto. As pressuposições ainda determinam nossos destinos, mesmo a despeito de alguma inconsistência no caminho” (R.K. McGregor Wright, *A Soberania Banida: Redenção para a cultura pós-moderna*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 15).

²¹ Ver: J. Spykman, *Teología Reformacional: Un Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, Michigan: The Evangelical Literature League, 1994, p. 218-221.

²² Cf. Gene Edward Veith, Jr., *Tempos Pós-Modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época*, São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 65. Veja-se exemplo disso em Erich Fromm, que sustenta que “o homem é capaz de saber o que é bom e de agir em conformidade, apoiado no vigor de suas potencialidades naturais e de sua razão”. Continua: “Seria insustentável se fosse verdadeiro o dogma da maldade natural nata do homem” [Erich Fromm, *Análise do Homem*, São Paulo: Círculo do Livro, (s.d.), p. 182].

hoje, não temos mais referências, o homem já não é o centro de todas as coisas, visto que já não há mais centro.²³ Estamos “perdidos no espaço”. Sem absolutos não sabemos ao certo o valor do homem e o seu papel no universo. Sem princípios universais não existem absolutos; sem estes, tudo é possível.

O humanismo renascentista – do qual somos herdeiros – sem dúvida, tomou uma parte importante da realidade, todavia, em geral, esqueceu-se da principal e, o mais trágico de tudo, é que o esquecido é Aquele Quem dá sentido a tudo o mais. O problema da existência é uma questão basicamente metafísica. Aliás, o homem é um ser metafísico. A negação prática dessa realidade acarreta uma percepção errada e tristemente limitante da natureza humana. Por isso, o homem “pós-moderno” dispõe diante de si de todas as saídas possíveis, porém, nenhuma delas conduz ao “fim” necessário. Os seus pressupostos descartam o único caminho real do significado da vida e do ser: O Deus transcendente e pessoal. O Deus que Se revela como tal conferindo sentido a todo o real e à nossa existência.

2) A grandenza do Homem na Perspectiva de Calvino:

“A despeito da importância do humanismo como uma preparação para a Reforma, a maioria dos humanistas, e principalmente Erasmo entre eles, nunca alcançou nem a gravidade da condição humana, nem o triunfo da graça divina, o que marcou os reformadores. O humanismo, assim como o misticismo, foi parte da estrutura que possibilitou aos reformadores questionar certas suposições da tradição recebida, mas que em si mesma não era suficiente para fornecer uma resposta duradoura às obsessivas perguntas da época” – Timothy George.²⁴

“A Reforma foi revolucionária porquanto se apartou tanto do humanismo católico-romano como do secular” – Francis A. Schaeffer.²⁵

Conforme vimos, a Reforma surgiu num contexto Humanista e Renascentista, tendo inclusive alguns pontos em comum; contudo, as diferenças são mais profundas do que as semelhanças; e a Reforma também não foi sintética em termos dos valores cristãos e pagãos: Lutero (1483-1546), e mais tarde todos os reformadores, não se deixaram limitar por uma visão puramente humanista, antes, pelo contrário; Lutero (1483-1546), Zuínglio (1484-1531) e Calvino (1509-1564), apesar

²³ Cf. Gene Edward Veith, Jr., *Tempos Pós-Modernos*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 68.

²⁴ Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 50.

²⁵ Francis A. Schaeffer, *La Fe de los Humanistas*, 2ª ed. Madrid: Felire, 1982, p. 10.

das divergências de compreensão, de ênfase e de estilo, estavam acordes quanto à centralidade da Palavra de Deus; na Escritura como sendo a fonte, para se pensar acerca de Deus. Enquanto os humanistas partiam de uma perspectiva secular, o protestantismo tinha uma perspectiva e caráter religioso. Os reformadores vão enfatizar o estudo da Palavra, visto que este fora ofuscado pela preocupação filosófica: A Razão havia tomado o lugar da Revelação. Na Reforma, o ponto de partida não é o homem; ele não é considerado "a medida de todas as coisas"; antes, a sua dignidade consiste em ter sido criado à imagem de Deus.

Na Reforma deu-se uma mudança de quadro de referência. O "eixo hermenêutico" desloca-se da tradição da igreja para a compreensão pessoal da Palavra. Por isso, quando pensamos em aspectos da antropologia de Calvino, sabemos de antemão que a sua aproximação é teológica. O pensar e o agir de Calvino estavam condicionados à amplitude libertadora das Escrituras. Para Calvino a Palavra de Deus oferece-nos o escopo de nosso pensar e agir. Através dela poderemos ter uma real visão de Deus, de nós mesmos e do mundo. Portanto, uma cosmovisão Reformada é uma visão que se esforça por interpretar a chamada realidade pela ótica das Escrituras. Sem as Escrituras permanecemos míopes para distinguir as particularidades do real, tendo uma epistemologia desfocalizada. Calvino usa de uma figura que continua atual: "Exatamente como se dá com pessoas idosas, ou enfermas de olhos, e quantos quer que sofram de visão embaçada, se puseres diante deles até mui vistoso volume, ainda que reconheçam ser algo escrito, mal poderão, contudo, ajuntar duas palavras; ajudadas, porém, pela interposição de lentes, começarão a ler de forma mais distinta. Assim a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus de outra sorte confuso, dissipada a escuridão, mostra-nos em diáfana clareza o Deus verdadeiro".²⁶

Calvino teve uma formação humanista primorosa. Contudo, o seu humanismo não deve ser confundido com o "humanismo secular", que colocava o homem como centro de todas as coisas. Ele rejeitava este tipo de "humanismo".

Calvino compartilha da visão da grandeza do homem; no entanto, o seu ponto de partida é Deus. Um aspecto de extrema relevância em sua teologia é o conceito da "imagem e semelhança" divina no homem. É sobre esta perspectiva que versa este ensaio embrionário.

Na sua obra Magna, *A Instituição da Religião Cristã*, Calvino expressa a sua concepção "humanista", que consiste em reconhecer a grandeza do homem, como criatura de Deus, a Quem deve adorar e glorificar.²⁷

Calvino escreve: "... É notório que jamais chega o homem ao puro conhecimento de si mesmo até que haja antes contemplado a face de Deus e da visão dEle desça a examinar-se a si próprio."²⁸

²⁶ João Calvino, *As Institutas*, I.6.1.

²⁷ Carta ao Rei Francisco I de França, 3. In: *As Institutas*, Vol. I.

²⁸ João Calvino, *As Institutas*, I.1.2.

Schaeffer resume: "... enquanto a Renascença se concentrava no homem em sua autonomia, a Reforma concentrava-se no Deus infinito-pessoal que falava com eles através da Bíblia".²⁹ Como a Bíblia é o registro inerrante da Palavra de Deus, podemos dizer, que sem as Escrituras, jamais teremos um conhecimento verdadeiro de nós mesmos, do mundo e do próprio Deus.

Robert D. Knudsen, tratando da visão "humanística" de Calvino, diz:

"É um erro supor que o duradouro interesse de Calvino pelos estudos humanísticos e pelo desenvolvimento cultural do homem fosse um simples remanescente do tempo que precedeu sua conversão à fé evangélica. Sua preocupação para com os estudos humanísticos e para com aquilo que diz respeito ao que é humano, está muito inseparavelmente ligado ao seu modo global de pensar, para permitir uma tal interpretação.

"De fato num sentido que precisa ser bem definido e cuidadosamente preservado de má compreensão, Calvino pode ser chamado de 'humanista'. Através de toda a sua vida, ele teve um profundo compromisso para com aquilo que é humano....

"Calvino ataca aqueles humanistas que fazem a apoteose do ser humano e pensam que a realização daquilo que é humano pode ser alcançada somente na presumida independência de Deus e de Sua revelação. Ele mesmo como um humanista, rejeitou aquilo que era o coração da idéia de personalidade do Renascimento, a idéia de que o homem é a fonte criadora de seus próprios valores e, portanto, no fundo, incapaz de pecar".³⁰

"(Segundo Calvino), o homem só se conhece verdadeiramente, quando se conhece à luz de Deus e de Sua revelação, com o corolário implícito de que, se se conhece verdadeiramente, conhece verdadeiramente também a Deus. Não é muito extrair desta correlação o pensamento de que o homem, estando verdadeiramente relacionado com Deus pela piedade, estará verdadeiramente relacionado consigo mesmo, e estando relacionado consigo pela piedade, estará verdadeiramente relacionado com Deus".³¹

"Para Calvino, tornou-se possível relacionar a idéia de humanidade à antítese religiosa retratada na Escritura. O caminho foi aberto pela idéia de que o homem se torna humano em sua relação com Deus. O homem, em si mesmo, é verdadeiramente homem quando responde àquilo que constitui o modo de ser de sua natureza, àquilo para o que foi criado (...). A autonomia humana pecaminosa, longe de ser o caminho para a auto-realização humana, é, em si mesma, uma distorção daquilo que é huma-

²⁹ Francis A. Schaeffer, *Como Viveremos?*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 51.

³⁰ Robert D. Knudsen, *O Calvinismo Como uma Força Cultural*: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 13-14.

³¹ Robert D. Knudsen, *O Calvinismo Como uma Força Cultural*: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, p. 19.

no".³²

De modo semelhante, escreve André Biéler:

"A diferenciação clara das atribuições desses dois campos (teocentrismo e antropocentrismo) explica a grande liberdade com que Calvino soube combinar as valiosas conquistas do humanismo com os ensinamentos insubstituíveis da teologia, sem todavia cair nas enganosas sínteses almejadas pela escolástica romana e que importava evitar a todo preço....

"Calvino, foi portanto, um humanista. E o foi no seu mais alto grau porque, ao conhecimento natural do homem pelo próprio homem, acrescentou, sem confundir, o conhecimento do homem que Deus revela à sua criatura através de Jesus Cristo. Não se tratava, pois, de dar as costas ao humanismo e sim de suplantá-lo dando-lhe talvez as suas mais amplas dimensões. De um conhecimento puramente antropocêntrico, Calvino queria passar ao conhecimento do homem total, cujo centro se localiza no mistério de Deus.

"Por vezes, ele se opôs aos humanistas, mas sua oposição não visava tanto ao humanismo como tal, e sim ao ateísmo e ao antropocentrismo exclusivo de alguns, confinados no seu orgulho intelectual e numa confiança ilimitada no homem incompatíveis com a fé cristã.

"Resumindo, enquanto a ciência da Idade Média foi a teologia, o estudo de Deus, a da Renascença foi o humanismo, o estudo do homem. A ciência de Calvino, por sua vez, é um humanismo teológico que inclui a um tempo o estudo do homem e da sociedade através do duplo conhecimento do homem pelo homem, de um lado, e do homem por Deus, de outro".³³

Em síntese, podemos dizer que o "humanismo" de Calvino era um "humanismo cristocêntrico", caracterizando-se pela compreensão de que o homem encontra a sua verdadeira essência no conhecimento de Deus.³⁴ Conhecer a Deus significa ter uma perspectiva clara de si mesmo; a recíproca também é verdadeira: não há conhecimento genuíno de Deus sem um conhecimento correto de si mesmo. Portanto, não existe no pensamento de Calvino um possível dilema entre o antropocentrismo e o teocentrismo. Entre a natureza do homem e o Deus Soberano, temos a Palavra de Deus, concedida pelo próprio Deus para que O conheçamos e nos conheçamos, bem como toda a realidade. A revelação de Deus sempre é reivindicatória: exige de

³² Robert D. Knudsen, O Calvinismo Como uma Força Cultural: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, p. 20.

³³ André Biéler, *O Humanismo Social de Calvino*, São Paulo: Edições Oikoumene, 1970, p. 12-13.

³⁴ "Esse humanismo cristocêntrico, essa nova imagem do homem, redescoberta pelo Cristianismo reformado, permitia a cada indivíduo compreender que sua natureza atual era uma natureza degradada e que devia ser restaurada. Mas essa nova concepção permitia-lhe também descobrir que ele trazia em si, como toda pessoa, os traços maravilhosos de sua identidade primeira. Cada indivíduo podia, portanto, conhecer-se a si mesmo e redescobrir que toda a criação era também convidada para sua renovação (Rm 8.20-21)" (André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 47).

nós uma resposta consciente a Deus, o Senhor.

A compreensão antropológica de Calvino é resultado de sua teologia;³⁵ Calvino é um teólogo que com profundo conhecimento bíblico esforçar-se por aplicar os ensinamentos da Palavra às diversas esferas da vida humana, a começar pela genuína compreensão de quem é o homem e como Deus deseja que vivamos neste mundo. Portanto, toda a sua análise parte da Revelação de Deus.

Quanto ao homem, a dignidade e beleza são em ter sido criado "à imagem e semelhança de Deus",³⁶ podendo, portanto, relacionar-se com o Seu Criador.³⁷ No homem a "Sua imagem e glória peculiarmente brilham".³⁸ O conhecimento de Deus, deve nos conduzir ao temor e à reverência, tendo a Deus como guia e mestre, buscando nEle todo o bem.³⁹

3) O Homem, Criatura de Deus:

A) O LUGAR DO HOMEM NA CRIAÇÃO:

Calvino compreende que o mundo foi criado para o bem-estar do homem, não o homem para o mundo. Por isso mesmo, Deus deixou para criar o homem no final, quando tudo que lhe era necessário já fora feito: "É de considerar-se diligentemente na própria ordem das coisas criadas o paterno amor de Deus para com o gênero humano, por isso que não criou Adão antes que locupletasse o mundo de toda abundância de coisas boas. Ora, se o houvesse colocado em uma terra ainda então estéril e vazia, se lhe houvesse dado vida antes da luz, teria parecido consultar-lhe bem pouco ao bem-estar".⁴⁰ Desta forma, sabemos que a criação foi direcionada para proporcionar ao homem a satis-

³⁵ Biéler resume: "A Reforma de Calvino é, de princípio e essencialmente, uma reforma teológica; tem em mira em primeiro lugar as relações do homem com Deus. Não é senão secundariamente, e em consequência destas relações, que a Reforma assume teor moral, social, político e econômico. (...) O homem é primariamente determinado em seu comportamento moral e social por suas relações com Deus; são elas que comandam o destino e lhe condicionam a vida individual e social. Logo, não há fazer de Calvino algo outro que um teólogo; e grande erro seria querer detrair de seu pensamento uma doutrina moral, ou política, ou econômica, independente de sua teologia" (André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, p. 257).

³⁶ Vejam-se: J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3 e 4; John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Co., 1996 (Reprinted), Vol. 1, (Gn 1.26-27), p. 92, (Gn 5.1), p. 227; João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 37-38; João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174; Juan Calvino, *Breve Instrucción Cristiana*, Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 25.

³⁷ Vd. Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 207.

³⁸ John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, (*Calvin's Commentaries*, Vol. XXII), (Tg 3.9), p. 322.

³⁹ Cf. J. Calvino, *As Institutas*, I.2.2.

⁴⁰ João Calvino, *As Institutas*, I.14.2. Ver: John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 3.1) p. 139.

fação de suas necessidades e a sua felicidade: “O mundo foi originalmente criado para este propósito, que todas as partes dele se destinem à felicidade do homem como seu grande objeto.”⁴¹ Portanto, toda a ordem da Criação revela o cuidado de Deus para conosco e ao mesmo tempo a nobreza do homem: Deus lhe conferiu “tão marcante dignidade”.⁴² Na criação do homem temos “a expressão mais nobre e sumamente admirável de Sua justiça, e sabedoria, e bondade...”.⁴³ A simples percepção desta realidade incita o homem a responder a Deus com amor, gratidão e culto, reconhecendo a Sua glória. “Sabemos que somos postos sobre a Terra para louvar a Deus com uma só mente e uma só boca, e que esse é o propósito de nossa vida.”⁴⁴ “De modo que, atraídos pelo dulçor tão ingente de Sua bondade e beneficência, diligenciemos por amá-Lo de todo coração”.⁴⁵

Deus deseja que nos ocupemos com esta santa meditação a respeito dos feitos Dele.⁴⁶ A ingratidão é resultante de nossa não consideração dos feitos de Deus: “... a desconsideração quase universal leva os homens a negligenciarem os louvores a Deus. Por que é que tão cegamente olvidam as operações de sua mão, senão justamente porque nunca dirigem seriamente sua atenção para elas? Precisamos ser despertados para este tema”.⁴⁷

A Criação reflete como um espelho a Glória de Deus; o mundo é uma espécie de “espelho da divindade”; nele desfila de forma contundente a glória de Deus.⁴⁸ “Existe diante de nossos olhos, em toda a ordem da natureza, os mais ricos elementos a manifestarem a glória de Deus, mas, visto que somos inquestio-

⁴¹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (SI 8.6), p. 172. Vejam-se: *As Institutas*, I.14.2, 22; I.16.6.

⁴² João Calvino, *As Institutas*, I.14.20.

⁴³ João Calvino, *As Institutas*, I.5.1.

⁴⁴ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (SI 6.5), p. 129.

⁴⁵ João Calvino, *As Institutas*, I.14.22.

⁴⁶ Cf. João Calvino, *As Institutas*, I.14.21.

⁴⁷ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (SI 66.5), p. 624. “Assim também não deixemos passar nenhum tipo de prosperidade que nos beneficie, ou que beneficie a outros, sem declarar a Deus, com louvor e ação de graças, que reconhecemos que tal bênção provém do Seu poder e da Sua bondade” [João Calvino, *As Institutas*, (1541), III.9]. “Os ímpios e hipócritas correm para Deus quando se vêem submersos em suas dificuldades; mas assim que se vêem livres delas, olvidando seu libertador, se regozijam com frenética hilaridade” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (SI 28.7), p. 608].

⁴⁸ “Em toda a arquitetura de seu universo, Deus nos imprimiu uma clara evidência de sua eterna sabedoria, munificência e poder; e embora em sua própria natureza nos seja ele invisível, em certa medida se nos faz visível em suas obras. O mundo, portanto, é com razão chamado o espelho da divindade, não porque haja nele suficiente clareza para que os homens alcancem perfeito conhecimento de Deus, só pela contemplação do mundo, mas porque ele se faz conhecer aos incrédulos de tal maneira que tira deles qualquer chance de justificarem sua ignorância. (...) O mundo foi fundado com esse propósito, a saber: para que servisse de palco à glória divina” [João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 11.3), p. 300-301].

navelmente mais poderosamente afetados com o que nós mesmos experimentamos, Davi, neste Salmo, com grande propriedade, expressamente celebra o favor especial que Deus manifesta no interesse da humanidade. Posto que este, de todos os objetos que se acham expostos à nossa contemplação, é o mais nítido espelho no qual podemos contemplar sua glória".⁴⁹

B) O HOMEM FOI CRIADO APÓS DELIBERAÇÃO:

O “façamos” de Deus, conforme usado em Gênesis 1.26, (נַעֲשֶׂה) (na^aseh), qal, imperfeito, indica, segundo Calvino, que o homem foi criado após deliberação ou, como ele diz mais à frente, consulta. "Até aqui Deus tem se apresentado simplesmente como comandante; agora, quando ele se aproxima do mais excelente de todas as suas obras, ele entra em consulta".⁵⁰

Calvino diz que Deus poderia ter criado o homem ordenando pela sua simples palavra o que desejasse que fosse feito; "mas ele escolheu dar esse tributo à excelência do homem, com o qual, em certo sentido, entraria em consulta a respeito de sua criação".⁵¹

1. Deus Consulta a Si Mesmo:

Calvino diz que os judeus são “ridículos” por acharem que Deus consultou a terra ou os anjos.⁵² Ele pergunta: Fomos criados à imagem da terra ou dos anjos? Moisés não exclui todas as criaturas, quando ele declara que Adão foi criado à imagem de Deus?⁵³

Desse modo, para Calvino, Deus consulta a si mesmo: "Mas desde que o Senhor não necessita de conselheiro, não há dúvida de que ele consultou a si mesmo. (...) Deus não convoca conselheiro alheio; daí nós inferimos que Ele acha em si mesmo alguma coisa distinta; como, na verdade, sua eterna sa-

⁴⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.1), p. 157. "Nas coisas que Ele criou, Deus, portanto, mantém diante de nós nítido espelho de sua esplendorosa sabedoria. Em resultado, qualquer indivíduo que desfrute de pelo menos uma minúscula fagulha de bom senso, e atenta para a terra e outras obras divinas, se vê aturdido por candente admiração por Deus. Se os homens chegassem a um genuíno conhecimento de Deus, pela observação de suas obras, certamente que viriam a conhecer a Deus de uma forma sábia, ou daquela forma de adquirir sabedoria que lhes é natural e apropriada" [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo, Paracletos, 1996, (1Co 1.21), p. 62].

⁵⁰ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Co., 1996 (Reprinted), Vol. 1, (Gn 1.26), p. 91.

⁵¹ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 91.

⁵² Cf. John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 92.

⁵³ Cf. John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 92.

bedoria e poder residem nele".⁵⁴

2. Essa é a mais alta honra que Deus conferiu ao Homem:

O fato de Deus ter criado o homem após deliberação, tem dois objetivos na concepção de Calvino: 1) nos ensinar que o próprio Deus se encarregou de fazer algo grande e maravilhoso; 2) dirigir a nossa atenção para a dignidade de nossa natureza.⁵⁵ Assim, conclui:

"Verdadeiramente existem muitas coisas nesta natureza corrupta que podem induzir ao desprezo; mas se você corretamente pesa todas as circunstâncias, o homem é, entre outras criaturas, uma certa preeminente espécie da Divina sabedoria, justiça, e bondade, o qual é merecidamente chamado pelos antigos de mikri/kosmoj (sic!) 'um mundo em miniatura'".⁵⁶

Comentando Gênesis 5.1, Calvino diz que Moisés repetiu o que ele havia dito antes, porque "a excelência e a dignidade desse favor não poderia ser suficientemente celebrada. Foi sempre uma grande coisa, que o principal lugar entre as criaturas foi dado ao homem".⁵⁷

Em Adão temos uma demonstração eloqüente da justiça divina: "Adão foi inicialmente criado à imagem de Deus, para que pudesse refletir, como por um espelho, a justiça divina".⁵⁸ Na criação do homem temos o espelho da bondade de Deus.

C) O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS "IMAGEM" E "SEMELHANÇA":

Passa então a discutir sobre qual seria o significado das palavras "imagem e semelhança". Teriam elas sentidos diferentes ou não?

Calvino conhece a opinião dos teólogos de sua época. Para a maior parte deles, a palavra "imagem" deve ser distinguida da palavra "semelhança". A distinção comum pode ser colocada da seguinte forma: imagem existe na substância; semelhança existe no acidente de alguma coisa. Isto seria o mesmo que dizer: "imagem diz respeito àqueles talentos que Deus tem conferido sobre toda natureza humana; semelhança diz respeito aos dons gratuitos".⁵⁹

⁵⁴ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26) p. 92..

⁵⁵ Cf. John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, p. 92; João Calvino, *As Institutas*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, I.15.3.

⁵⁶ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 92.

⁵⁷ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, p. 227. Vd. J. Calvino, *As Institutas*, II.1.1.

⁵⁸ João Calvino, *Efésios*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 4.24), p. 142.

⁵⁹ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, p. 93.

No entanto, ele não concorda com essa distinção.⁶⁰ Os termos *imagem* תְּצַלְמֶנּוּ (Çëlēm)⁶¹ e *semelhança* תְּמִיּוּת (D^emüth)⁶² usados no texto de Gênesis, são entendidos como sinônimos, sendo empregados para se referirem, de forma enfática, ao ser humano como um todo, com todas as suas características essenciais; uma “verdadeira imagem”.

Após criticar àqueles que procuravam fazer uma diferenciação inexistente entre estas palavras, diz: “Quando, pois, Deus decretou criar o homem à Sua imagem, porque não era tão claro, explicitamente o repete nesta breve locução: à *semelhança*, como se estivesse a dizer que iria fazer um homem no qual, mediante insculpidas marcas de semelhança, se haveria de a Si Próprio representar como em uma imagem. Por isso, referindo o mesmo pouco depois, Moisés repete duas vezes a frase *imagem de Deus*, omitida a menção de *semelhança*”.⁶³

As duas palavras são simplesmente explicativas uma da outra; uma define a outra, denotando uma semelhança exata, correspondendo ao original divino.⁶⁴ Por isso, imagem e semelhança são usadas indistintamente nas Escrituras, referindo-se ao homem. (Vejam-se: Gn 5.1,3; 9.6; 1Co 11.7; Cl 3.10; Tg 3.9). Portanto, seja qual for a possível diferença existente entre os termos, nada de essencial indica.

⁶⁰ Ver: John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, p. 93. Mais à frente Calvino resalta alguns pontos que sustentam sua idéia, afirmando: 1) sabemos que era costume entre os Hebreus repetir a mesma coisa em palavras diferentes; 2) A frase mostra que o segundo termo foi acrescido por causa da explicação; 3) No capítulo cinco, “semelhança” é usada no lugar da palavra “imagem”. (Ver também: *As Institutas*, I.15.3).

⁶¹ A LXX traduz aqui por εἰκων.

⁶² A LXX traduz aqui por ὁμοίωσις.

⁶³ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3.

⁶⁴ Para um estudo posterior dos termos “imagem” e “semelhança”, vejam-se: C.F. Keil & F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, (s.d.), Vol. I, p. 63; Victor P. Hamilton, Dãma: In: R. Laird Harris, ed. *Theological Wordbook of the Old Testament*, 2^a ed. Chicago: Moody Press, 1981, Vol. I, p. 191-192; Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, São Paulo: Hagnos, 2001, p. 555; Herman Hoeksema, *Reformed Dogmatics*, 3^a ed. Grand Rapids, Michigan: Reformed Free Publishing Association, 1976, p. 204; A.H. Strong, *Systematic Theology*, 35^a ed. Valley Forge, PA.: The Judson Press, 1993, p. 521; L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1990, p. 203; James Oliver Buswell, *A Systematic Theology of the Christian Religion*, Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1962, Vol. I, p. 232; C.F.H. Henry, *Imagem de Deus*: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1990, Vol. II, p. 310; J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3; *Idem*, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981(Reprinted), Vol. I, p. 93ss.; Gordon J. Spykman, *Teología Reformacional: Un Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, Michigan: The Evangelical Literature League, 1994, p. 248; Anthony A. Hoekema, *Criados à Imagem de Deus*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 25-26,27; Morton H. Smith, *Systematic Theology*, Greenville, South Carolina: Greenville Seminary Press, 1994, Vol. 1, p. 234-236; Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: ASTE, 1986, Vol., I, p. 152; Gerhard von Rad, *El Libro del Genesis*, Salamanca: Sigueme, 1977, p. 69. [Para uma visão panorâmica e bibliográfica das diversas interpretações de Gn 1.26,27, Vd. Claus Westermann, *Genesis 1-11: An Commentary*, Menneapolis: Augsburg Publishing House, 1987 (Reprinted), p. 142ss.].

Então, perguntamos: o que significa "imagem" e "semelhança" para Calvino? Começamos mostrando o que ela não significa:

1. O que ela não é:

a) Não tem a ver simplesmente com o Físico:

Calvino entende que a imagem de Deus permeia o homem todo: "... a effigie de Deus se estende à excelência toda, pela qual a natureza do homem se sobreleva por entre todas as espécies de seres animados".⁶⁵ Alguns, entretanto, entusiasmados desmedidamente com o ser humano, recorrendo a sutilezas, se equivocam ao sustentarem "que a imagem de Deus está no corpo do homem porque a sua admirável feitura brilha claramente".⁶⁶ Conclui: "o homem foi feito conforme a Deus não mediante influxo de substância, mas pela graça e poder do Espírito".⁶⁷

Sendo assim, o homem não foi feito da mesma substância de Deus, apenas foi-lhe concedido alguns de Seus atributos. Continuando esta linha de raciocínio, diz: "Contemplando a glória de Cristo, estamos sendo transformados, como pelo Espírito do Senhor, Que, certamente, opera em nós, na mesma imagem Sua, contudo, não assim que nos renda consubstanciais a Deus".⁶⁸

Desta forma, dizer que o homem foi criado por Deus segundo o próprio modelo divino (Ef 4.24) não significa dizer que o homem seja fisicamente igual a Deus; Deus não tem forma, é espírito (Jo 4.24), nem significa que seja da mesma essência, visto que esta é incomunicável (Ef 4.24).

b) Não consiste somente no domínio sobre o mundo:

Calvino critica a Crisóstomo que sustentava que imagem de Deus consistia somente no domínio que Deus conferiu ao homem, para que ele agisse como vice-gerente de Deus no governo do mundo (1Co 11.7). Ele entende que esta é apenas uma pequena porção da imagem de Deus no homem.⁶⁹

⁶⁵ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3.

⁶⁶ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94.

⁶⁷ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.5.

⁶⁸ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.5.

⁶⁹ Cf. J. Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94.

2. O Que Ela é:

a) Consiste em "Retidão" e "Verdadeira Santidade":

De acordo com Efésios 4.24 e Colossenses 3.10, a imagem consiste em "retidão" e "verdadeira santidade".⁷⁰ Ele explica as expressões: "Portanto, por essa palavra, a perfeição de nossa natureza completa é designada, como ela apareceu quando Adão foi dotado de um correto julgamento, tinha afeições em harmonia com a razão, tinha todos os sentidos sãos e bem regulados, e verdadeiramente excedido em tudo o que é bom".⁷¹ "Donde concluímos que, de início, a imagem de Deus foi conspícua na luz da mente, na retidão do coração e na higidez de todas as partes do ser humano".⁷²

b) Consiste de Imortalidade:

O homem é imortal (possui uma essência imortal); mesmo depois da Queda possui tanto a imortalidade como o senso dela. A consciência que discerne entre o bem e o mal respondendo ao juízo de Deus é um sinal do senso de imortalidade do homem.⁷³

c) Consiste de Inteligência, Razão e Afeições:

Calvino descreve a imagem de Deus da seguinte forma: "Pois havia uma adaptação das várias partes da alma, que correspondia com suas várias funções. Na mente, perfeita inteligência florescia e reinava, retidão assistia como sua parceira, e todos os sentidos eram preparados e moldados para a adequada obediência à razão; e no corpo havia uma adequada correspondência com essa ordem interna. (...) Mas aqui a questão é em referência àquela glória de Deus que peculiarmente brilha na natureza humana, onde a mente, a vontade, e todos os sentidos representam a ordem Divina".⁷⁴

A imagem e semelhança refletem em Adão características próprias através das quais ele poderia relacionar-se consigo mesmo, com o mundo e com Deus. O homem foi criado essencialmente como ser social: "O homem foi formado para ser um animal social".⁷⁵ O pecado alienou-nos de Deus e de nosso semelhante.⁷⁶ As-

⁷⁰ Cf. J. Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94.

⁷¹ J. Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 94-95.

⁷² J. Calvino. *As Institutas*, I.15.4.

⁷³ Ver: J. Calvino, *As Institutas*, I.15.2.

⁷⁴ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 95, 96.

⁷⁵ John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981 (Reprinted), Vol. I, (Gn 2.18), p. 128. Em outro lugar: "O homem é um a-

sim, o pecado, de certa forma, desumanizou-nos.

A imagem de Deus é uma condição essencial para o nosso relacionamento com Deus. Expressa também a sua natureza essencial: o homem é o que é, por ser a imagem de Deus: não existiria humanidade senão pelo fato de ser a imagem de Deus; esta é a nossa existência autêntica e toda inclusiva. Portanto, o homem não simplesmente possui a imagem de Deus, como algo externo ou acessório, antes, ele é a própria imagem de Deus.

Como tal, o homem reflete a justiça e a santidade de Deus: é, conforme já citamos, a “expressão mais nobre e sumamente admirável de Sua justiça, e sabedoria e bondade”.⁷⁷

3. O Fundamento Principal da Imagem está no "Coração" e na "Mente":

Ainda que o próprio porte físico do homem, como distinto dos animais, refulja algo da imagem de Deus, esta não é algo colado nele, antes, tem a sua sede na alma.⁷⁸ Calvino passa a mostrar onde reside essa "retidão" e "santidade". Elas residem na mente e no coração, onde "retidão" e "santidade" eram mais eminentes.⁷⁹

Conhecemos por meio da descrição bíblica que o homem foi criado de forma íntegra, sem pecado algum. A Queda, porém, trouxe conseqüências desastrosas à imagem de Deus refletida no homem.

O que podemos saber com certeza, é que mesmo depois da Queda, a imagem de Deus não foi aniquilada. Todavia, “... o que quer que resta, é horrenda deformidade”.⁸⁰ A sede da imagem de Deus no homem reside em sua alma; ela é espiritual.⁸¹ Entretanto, esta imagem se irradia no “próprio homem exterior”,⁸² inclusive

nimal social de natureza, conseqüentemente, propende por instinto natural a promover e conservar esta sociedade e, por isso, observamos que existem na mente de todos os homens impressões universais não só de uma certa probidade, como também de uma ordem civil” (João Calvino, *As Institutas*, II.2.13).

⁷⁶ “Como a vida espiritual de Adão era o permanecer unido e ligado a seu Criador, assim também o dEle alienar-se foi-lhe a morte da alma” [João Calvino, *As Institutas*, II.1.5].

⁷⁷ João Calvino, *As Institutas*, I.15.1.

⁷⁸ João Calvino, *As Institutas*, I.15.3.

⁷⁹ Cf. John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Vol. 1, (Gn 1.26), p. 95.

⁸⁰ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.4. “É verdade que ao vir a este mundo, trazemos conosco um remanescente da imagem de Deus com a qual Adão foi criado: porém esta mesma imagem está tão desfigurada que estamos repletos de injustiças e em nossas mentes não há senão cegueira e ignorância” [Juan Calvino, *Se Deus fuera nuestro Adversario*: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 6), p. 86].

⁸¹ J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3.

⁸² J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3. Comentando sobre este assunto Calvino diz: “não deixo, certamente, de admitir que a forma exterior, até onde nos distingue e separa dos animais brutos, a Deus, ao mesmo tempo, mais intimamente nos une. Nem mais veementemente contenderei, se alguém insista que sob [o conceito de] imagem de Deus se leve em conta que ‘os ou-

no seu corpo, o que faz com que “a natureza do homem se sobreleva por entre todas as espécies de seres animados”.⁸³ Portanto, “que fique isso estabelecido, que a imagem de Deus que se percebe ou esplende nestas marcas exteriores é espiritual”.⁸⁴

D) IMAGEM DE DEUS APÓS A QUEDA:

Quando refletimos sobre as causas do pecado devemos estar atentos ao fato de que a “nossa ruína se deve imputar à depravação de nossa natureza, não à natureza em si, em sua condição original, para que não lhe lancemos a acusação contra o próprio Deus, autor dessa natureza”.⁸⁵ Portanto, a responsabilidade é nossa, não de Deus: “Só uma exceção se deve fazer, a saber: que a causa do pecado, as raízes do qual sempre reside no próprio pecador; não têm sua origem em Deus, pois resulta sempre verdadeiro que ‘A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim o teu socorro’ [Os 13.9]”.⁸⁶

1. Imagem Desfigurada:

Após a queda, mesmo o homem não regenerado continua sendo imagem e semelhança de Deus (aspecto metafísico): Apesar do pecado ter sido devastador para o homem, Deus não apagou a sua “imagem”, ainda que a tenha corrompida, alienando-o de Deus,⁸⁷ “Pelo que, embora concedamos não haja sido nele aniquilada e apagada de toda a imagem de Deus, foi ela, todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade”.⁸⁸ “Sabemos, porém, que, pela queda de Adão, toda a humanidade caiu de seu primitivo estado de integridade; porque, pela queda, a imagem divina ficou quase que totalmente extinta de nós, e fomos igualmente despojados de todos os dons distintivos pelos quais teríamos sido, por assim dizer, elevados à condição de semideuses. Em suma, de um estado da mais sublime ex-

tros animais enquanto que para baixo inclinados, o solo contemplam, ao homem se deu um semblante voltado para cima, e se determinou para o céu mirar e à estrelas erguer os vultos eretos’, contanto que fique isso estabelecido, que a imagem de Deus que se percebe ou esplende nestas marcas exteriores é espiritual” (J. Calvino. *As Institutas*, I.15.3).

⁸³ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3. “Adão tinha suas afeições ajustadas a razão, todos os sentidos afinados em reta disposição e, mercê de exímios dotes, verdadeiramente refletia a excelência de seu opífice” (J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3).

⁸⁴ J. Calvino. *As Institutas*, I.15.3.

⁸⁵ João Calvino, *As Institutas*, II.1.10

⁸⁶ João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 1.24), p. 71.

⁸⁷ “Pelo pecado estamos alienados de Deus” [João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.9), p. 32]; “Tão logo Adão alienou-se de Deus em conseqüência de seu pecado, foi ele imediatamente despojado de todas as coisas boas que recebera” [João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 2.5), p. 57]. Ver: João Calvino, *As Institutas*, II.1.5.

⁸⁸ João Calvino, *As Institutas*, I.15.4. Vd. Juan Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 13; João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142.

celência fomos reduzidos a uma condição de miserável e humilhante destruição”.⁸⁹ “É verdade que ela não foi totalmente extinta; mas, infelizmente, quão ínfima é a porção dela que ainda permanece em meio à miserável subversão e ruínas da queda”.⁹⁰ Permanecem, portanto, no homem, “vestígios” do Seu Criador: “O primeiro homem foi criado por Deus em retidão; em sua queda, porém, arrastou-nos a uma corrupção tão profunda, que toda e qualquer luz que lhe foi originalmente concedida ficou totalmente obscurecida.⁹¹ (...) Só quando aliado ao conhecimento de Deus é que alguns dos dotes a nós conferido do alto se pode dizer que possui alguma excelência real. À parte disso, eles se acham viciados por aquele contágio do pecado que não deixou sequer um vestígio no homem de sua integridade original”.⁹²

2. Ignorância Espiritual:

Antes de pecar, Adão tinha uma compreensão genuína a respeito de Deus. No entanto, “após a sua rebelião, ficou privado da verdadeira luz divina, na ausência da qual nada há senão tremenda escuridão”.⁹³ O seu conhecimento tornou-se totalmente nulo quanto à salvação.⁹⁴ A Queda trouxe sérias consequências: a morte e a escravidão. “Como a morte espiritual não é outra coisa senão o estado de alienação em que a alma subsiste em relação a Deus, já nascemos todos mortos, bem como vivemos mortos até que nos tornamos participantes da vida de Cristo”.⁹⁵ “O gênero humano, depois que foi arruinado pela queda de Adão, ficou não só privado de um estado tão distinto e honrado, e despojado de seu primevo domínio, mas está também mantido cativo sob uma degradante e ignomínia escravidão”.⁹⁶ “Todos nós estamos perdidos em Adão”.⁹⁷ “Não teremos uma idéia adequada do domínio do pecado, a menos que nos convençamos dele como algo que se estende a cada parte da alma, e reconhecemos que tanto a mente quanto o coração humanos se têm tornado completamente corrompidos”.⁹⁸

O pecado trouxe como implicação a perda do aspecto ético da imagem de Deus.

⁸⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (SI 8.5), p. 169. Ver: João Calvino, *As Institutas*, II.1.5.

⁹⁰ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (SI 8.5), p. 169.

⁹¹ ⁹¹ Prefácio de Calvino à tradução do Novo Testamento feita por Pierre Olivétan. In: Eduardo Galasso Faria, ed. *João Calvino: Textos Escolhidos*, São Paulo: Pendão Real, 2008, p. 14.

⁹² João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (SI 62.9), p. 579.

⁹³ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.18), p. 137.

⁹⁴ “Depois da Queda do primeiro homem, nenhum conhecimento de Deus valeu para a salvação sem o Mediador” (João Calvino, *As Institutas*, II.6.1).

⁹⁵ João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.1), p. 51.

⁹⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (SI 8.6), p. 171.

⁹⁷ João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.4), p. 24.

⁹⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (SI 51.5), p. 431.

O homem, “em sua queda, foi despojado de sua justiça original, sua razão foi obscurecida, sua vontade, pervertida, e que, sendo reduzido, a este estado de corrupção, trouxe filhos ao mundo semelhantes a ele em caráter. Se porventura alguém objetar, dizendo que essa geração se confina aos corpos, e que as almas jamais poderão derivar uns dos outros algo em comum, eu responderia que Adão, quanto em sua criação foi dotado com os dons do Espírito, não mantinha um caráter privativo ou isolado, mas que era o representante de toda a humanidade, que pode ser considerado como tendo sido dotado com esses dons em sua pessoa; e deste conceito necessariamente se segue que, quando ele caiu, todos nós, juntamente com ele, perdemos nossa integridade original”.⁹⁹ A nossa vontade, agora, é oposta à vontade de Deus: “Observemos aqui que a vontade humana é em todos os aspectos oposta à vontade divina, pois assim como há uma grande diferença entre nós e Deus, também deve haver entre a depravação e a retidão”.¹⁰⁰

3. Universalidade do Pecado:

O pecado atingiu a todos os homens; “Pecado não é algo peculiar a uns poucos, senão que permeia o mundo inteiro”.¹⁰¹ e ao homem todo: “No tocante ao reino de Deus e a tudo quanto se acha relacionado à vida espiritual, a luz da razão humana difere pouquíssimo das trevas; pois, antes de ser-lhe mostrado o caminho, ela é extinta; e sua perspicácia não é mais digna que a cegueira, pois quando vai em busca do resultado, ele não existe. Pois os princípios verdadeiros são como as centelhas; essas, porém, são apagadas pela depravação da natureza antes que sejam postas em seu verdadeiro uso”.¹⁰² Nascemos pecadores, diferentemente de Adão: “Agora não nascemos tais como Adão fora inicialmente criado, senão que somos a semente adulterada do homem degenerado e pecaminoso”.¹⁰³ “Todos nós entramos no mundo maculados com o pecado, possuídos, como posteridade de Adão, de uma natureza essencialmente depravada e incapazes, por nós mesmos, de almejar tudo quanto é bom”.¹⁰⁴

O pecado continuará em toda a nossa existência terrena a exercer influência sobre nós; por isso, qualquer conceito de perfeccionismo espiritual, que declare que o

⁹⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431-432. Ver: John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, (Calvin's Commentaries, Vol. XXII), (Tg 3.9) p. 323; *As Institutas*, I.15.8; II.2.26,27.

¹⁰⁰ João Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 8.7), p. 266-267. “O intelecto do homem está de fato cegado, envolto em infinitos erros e sempre contrário à sabedoria de Deus; a vontade, má e cheia de afeições corruptas, odeia a justiça de Deus; e a força física, incapaz de boas obras, tende furiosamente à iniquidade” (João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, GO: Logos Editora, 2003, Cap. 4, p. 15).

¹⁰¹ João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.2), p. 52.

¹⁰² João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.17), p. 134-135.

¹⁰³ João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.3), p. 56.

¹⁰⁴ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 58.3), p. 518-519.

crente não mais peca, é antibíblico. A Palavra de Deus ensina enfaticamente que nós pecamos, mesmo após o nosso novo nascimento.¹⁰⁵ O que nos distingue da nossa antiga condição é que não mais temos prazer no pecado; podemos até dizer que o pecado é um acidente de percurso na vida dos regenerados.¹⁰⁶ Antes o pecado comandava o nosso pensar e agir, agora ele ainda nos influencia, todavia não mais reina. "O pecado deixa apenas de reinar, não, contudo de neles habitar".¹⁰⁷

Desta forma, podemos dizer que mesmo o homem regenerado, continua "*totalmente depravado*"; em todas as áreas do seu ser há o estigma do pecado; todavia, não de forma tão intensa como no não-regenerado. A diferença é de grau não de extensão.

E) RESTAURAÇÃO:

A imagem de Deus no homem, corrompida pela queda, é restaurada através da salvação em Cristo, que tem por objetivo nos fazer à imagem e semelhança dEle.¹⁰⁸ Desta forma Cristo nos remodela à imagem de Deus. Detalhemos isso:

1. O Ato de Deus:

Como se pode depreender, na presente condição, "os homens se acham num deplorável estado a menos que Deus os trate misericordiosamente, não debitando seus pecados em sua conta".¹⁰⁹ No entanto, Deus concede-nos o Evangelho, que é poderoso para reconciliar-nos com Ele.¹¹⁰ Portanto, sem o

¹⁰⁵ "Quanto trazemos ainda conosco de nossa carne é algo que não podemos ignorar, pois ainda que a nossa habitação está no céu, todavia somos ainda peregrinos na terra" [J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 13.14), p. 462].

¹⁰⁶ "Portanto, assim são os filhos de Deus libertados da servidão do pecado mediante a regeneração: não que, como se já havendo adquirido plena posse da liberdade, nada mais de perturbação sintam de sua carne; pelo contrário, que lhes permaneçam perpétua causa de luto de onde sejam postos em xeque, mas ainda melhor apreendam sua fraqueza. E nesta matéria entre si acordam todos os escritores de juízo mais são: subsistir no homem regenerado uma acendalha de mal, de onde brotem incessantemente desejos que a pecar o atraiam e excitem. Confessam, ademais, que a tal ponto são, destarte, mantidos enredados os santos por essa enfermidade de concupiscência que não possam obstar que frequentemente sintam comichões e sejam incitados ou à licenciosidade, ou à avareza, ou à ambição, ou a outros vícios" (João Calvino, *As Institutas*, III.3.10).

¹⁰⁷ João Calvino, *As Institutas*, III.3.11.

¹⁰⁸ "É, por isso, o começo da recuperação da salvação temô-lo nesta restauração que conseguimos através de Cristo, que, por esta causa, é também chamado Segundo Adão, por isso que nos restitui à verdadeira e completa integridade" (J. Calvino, *As Institutas*, I.15.4).

¹⁰⁹ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 32.1), p. 39.

¹¹⁰ "Pela lei Deus exige o que lhe é devido, todavia não concede nenhum poder para cumpri-la. Entretanto, por meio do Evangelho os homens são regenerados e reconciliados com Deus através da graciosa remissão de seus pecados, de modo que ele é o ministério da

Evangelho, “todos permaneceremos malditos e mortos à vista de Deus”.¹¹¹ No entanto, “O propósito do evangelho é a restauração da imagem de Deus em nós, a qual fora cancelada pelo pecado”.¹¹² Deste modo, o caminho que resta ao homem, destituído de sua glória primeva, é o reconhecimento de sua miséria e o tornar-se humildemente para Deus, tributando-lhe glória.¹¹³

Se na criação de Adão vemos estampada a graça de Deus,¹¹⁴ em nossa restauração espiritual, através da regeneração, contemplamos a manifestação da graça de forma “muito mais rica e poderosa do que na primeira [criação]”.¹¹⁵

2. O Processo de Deus em Nós:

A nossa restauração consiste num ato regenerador e renovador de Deus através do Espírito. “Agora, ela se percebe nos eleitos, em certa medida, na extensão em que foram regenerados pelo Espírito”.¹¹⁶ Contudo, este ato envolve o processo de nos tornar, dia a dia, na imagem de Jesus Cristo que se refaz através de nosso crescimento espiritual.

Comentando 2Co 3.18, interpreta: “A partícula de comparação ‘como’: aponta para o método de nossa transformação”.¹¹⁷ na imagem de Deus, isto é, através da ação transformadora, renovadora do Espírito Santo, por intermédio do evangelho. “No evangelho temos uma revelação aberta de Deus”.¹¹⁸ O apóstolo Paulo realça a força renovadora desta revelação e a necessidade de nosso progresso diário nela. Assim, “o evangelho não seria morte nem contemplação infrutífera, porque, através dele somos transformados na imagem de Deus”;¹¹⁹ é justamente por este Evangelho que podemos não só conhecer a Deus mas ser transformados, progressivamente, na Sua imagem.¹²⁰

justiça e da vida” [João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1995, (2Co 3.7), p. 70].

¹¹¹ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 4.15), p. 143. “O fato de que o Evangelho é aroma de morte para os ímpios não vem tanto de sua própria natureza, mas da própria perversidade humana. Ao determinar um caminho de salvação, ele elimina a confiança em quaisquer outros caminhos” [João Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 1.16), p. 58].

¹¹² João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78-79. Vd. *As Institutas*, III.6.1.

¹¹³ Cf. João Calvino, *As Institutas*, II.2.1.

¹¹⁴ Ver: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174; J. Calvino, *As Institutas*, I.15.5; João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 37.

¹¹⁵ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142.

¹¹⁶ João Calvino, *As Institutas*, I.15.4.

¹¹⁷ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78.

¹¹⁸ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78.

¹¹⁹ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78.

¹²⁰ “Que tampouco estas coisas acontecem todas de uma vez, mas que, por meio da imagem de um progresso contínuo, crescemos no conhecimento de Deus e na conformidade

“Cristo é a perfeíssima imagem de Deus, conformados à qual, somos de tal modo restaurados que tragamos a imagem de Deus em verdadeira piedade, retidão, pureza, entendimento”.¹²¹ Na regeneração, através da qual temos o início da restauração da imagem de Deus em nós,¹²² voltamos à vida – “vida supernatural”,¹²³ – unidos com Cristo.¹²⁴ Deus que nos gerou através da Palavra, com esta mesma Palavra nos alimenta desde a infância à maturidade.¹²⁵ O Seu objetivo é a nossa conformação à imagem de Cristo.¹²⁶ Ela é restaurada no homem “ao longo de toda a nossa vida, porque Deus fez sua glória brilhar em nós paulatinamente”.¹²⁷ “Portanto, a única maneira de entrarmos no reino de Cristo é pela renovação segundo a própria imagem de Cristo”.¹²⁸ “É necessário dizer que ela [imagem] nos será restaurada por meio de Cristo”.¹²⁹

Este crescimento se findará na Segunda Vinda de Cristo, quando seremos transformados definitivamente na Sua imagem: “Agora começamos a exibir a imagem de Cristo, e somos transformados nela diária e paulatinamente; porém, esta imagem depende da regeneração espiritual. Mas, depois, seremos restaurados à plenitude, quer em nosso corpo, quer em nossa alma; o que agora teve início será levado à completação, e alcançaremos, em realidade, o que agora apenas esperamos.”¹³⁰ Então, “pleno fulgor só no céu haverá ela de fruir”.¹³¹

da imagem do seu Filho. Este é o significado de glória em glória” [João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 3.18), p. 78].

¹²¹ João Calvino, *As Institutas*, I.15.4.

¹²² Cf. João Calvino, *As Institutas*, (1541), II.5.

¹²³ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.18), p. 136.

¹²⁴ “A regeneração é a nova vida da alma, e que é por meio daquela que esta ressuscita dos mortos” [João Calvino, *Efésios*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 2.1), p. 51]. “Não há outra vida na alma senão aquela que é bafejada em nós por Cristo; de modo que só começamos a viver quando somos enxertados nele e passamos a desfrutar vida comum com ele” [João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.4), p. 56].

¹²⁵ “Elimine-se o evangelho, e todos permaneceremos malditos e mortos à vista de Deus. Esta mesma Palavra, por meio da qual somos gerados, passa a ser leite para nos criar, bem como alimento sólido para a nossa nutrição contínua” [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 4.15), p. 143].

¹²⁶ “Adão perdeu a imagem que originalmente recebera; portanto, é necessário dizer que ela nos será restaurada por meio de Cristo. Por isso o apóstolo ensina que o propósito na regeneração é guiar-nos de volta do erro àquele fim para o qual fomos criados” [João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142].

¹²⁷ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 3.18), p. 79.

¹²⁸ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 15.50), p. 488.

¹²⁹ João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142.

¹³⁰ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 15.49), p. 488.

¹³¹ João Calvino, *As Institutas*, I.15.4.

F) ALGUMAS IMPLICAÇÕES:

1. O Valor do Homem

O homem deve ser respeitado, amado e ajudado porque é a imagem de Deus.¹³² Por mais indigno que seja, na sua condição atual, devemos considerar: “A imagem de Deus nele é digna de dispormos a nós mesmos e nossas posses a ele”.¹³³ Por isso, “não temos de pensar continuamente nas maldades do homem, mas, antes, darmos conta de que ele é portador da imagem de Deus”.¹³⁴

“Deus, ao criar o homem, deu uma demonstração de sua graça infinita e mais que amor paternal para com ele, o que deve oportunamente extasiar-nos com real espanto; e embora, mediante a queda do homem, essa feliz condição tenha ficado quase que totalmente em ruína, não obstante ainda há nele alguns vestígios da liberalidade divina então demonstrada para com ele, o que é suficiente para encher-nos de pasmo”.¹³⁵ “A Escritura nos ajuda com um excelente argumento, ensinando-nos a não pensar no valor real do homem, mas só em sua criação, feita conforme a imagem de Deus. A ele devemos toda honra e o amor de nosso ser”.¹³⁶

Esta perspectiva deverá nortear sempre a nossa consideração a respeito do ser humano: “Visto que o homem foi feito à imagem de Deus, devemos considerá-lo santo e sagrado de tal forma que ele não pode ser violado sem violarmos a imagem de Deus nele”.¹³⁷ “O Senhor ordena que façamos o bem a todos, sem exceção, apesar do fato de que em sua maior parte são indignos, se os julgarmos segundo os seus próprios méritos. Mas a Escritura não perde tempo e nos admoesta no sentido de que não temos que observar tais ou quais méritos dos homens, mas, antes, devemos considerar em todos eles a imagem de Deus, a qual devemos honrar e amar. Singularmente, o apóstolo nos exorta a que a reconheçamos nos da “família da fé” (Gl 6.10), visto que neles a imagem de Deus é renovada e restaurada pelo Espírito de Cristo”.¹³⁸

¹³² Ver: João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 37-38. Para uma ampliação deste conceito, ver: Francis A. Schaeffer, *A Morte da Razão*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 33ss; Francis A. Schaeffer, *Como Viveremos?*, p. 52-53; André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 265ss.; André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes*, p. 47; H. Henry Meeter, *La Iglesia e El Estado*, Michigan: T.E.L.L., (s.d.), Cap. VI e VII, p. 63-91; G.C. Berkouwer, *Man: The Image of God*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1984 (Reprinted), especialmente, p. 148ss.

¹³³ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 38.

¹³⁴ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 38.

¹³⁵ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174.

¹³⁶ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 37.

¹³⁷ João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, GO.: Logos Editora, 2003, Cap. 8, p. 27-28.

¹³⁸ João Calvino, *As Institutas*, (1541), IV.17.

2. A Imagem de Deus e os Crentes:

Nos eleitos, os da “família da fé”, Deus tem renovado e restaurado por meio do Espírito a imagem de Deus.¹³⁹ Como vimos, através da regeneração, Deus “cria de novo Sua imagem em seus eleitos”.¹⁴⁰ Definindo arrependimento, escreve: “O arrependimento é uma regeneração espiritual cujo objetivo é que a imagem de Deus, obscurecida e quase apagada em nós pela transgressão de Adão, seja restaurada. (...) Assim, pois, mediante essa regeneração, somos restabelecidos na justiça de Deus, da qual tínhamos sido despojados por Adão. Pois a Deus agrada restabelecer integralmente todos os que Ele adota na herança da vida eterna”.¹⁴¹

Este é o grande “bem” de Deus para os seus: “Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). O “bem” dos filhos de Deus é tornar-se cada vez mais identificado com o seu Senhor (Rm 8.29-30). Neste propósito, até mesmo as aflições “cooperam para o bem”: “Os sofrimentos desta vida longe estão de obstruir nossa salvação; antes, ao contrário, são seus assistentes. (...) Embora os eleitos e os réprobos se vejam expostos, sem distinção, aos mesmos males, todavia existe uma enorme diferença entre eles, pois Deus instrui os crentes pela instrumentalidade das aflições e consolida sua salvação. (...) As aflições, portanto, não devem ser um motivo para nos sentirmos entristecidos, amargurados ou sobrecarregados, a menos que também reprovemos a eleição do Senhor, pela qual fomos predestinados para a vida, e vivamos relutantes em levar em nosso ser a imagem do Filho de Deus, por meio da qual somos preparados para a glória celestial”.¹⁴² (grifos meus).

3. O Amor ao Próximo Como Uma Implicação da Imagem de Deus no Homem:

“A imagem de Deus deve ser um vínculo de união especialmente sagrado. Por isso, aqui não se faz qualquer distinção entre amigo e inimigo, pois os perversos não podem anular o direito natural”.¹⁴³ Deste modo, “nosso amor deve ser visivelmente estendido a toda a raça humana”.¹⁴⁴ Entretanto, nosso dever de amar o próximo não reside nele mesmo, mas sim na consideração que devemos dar “à imagem de Deus em todos, à qual nada fiquemos a dever tanto de honra quanto de amor. Entretanto, essa mesma imagem deve ser mais diligentemente observada nos domésticos da fé [Gl 6.10], até onde

¹³⁹ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 37.

¹⁴⁰ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 100.1-3), p. 549.

¹⁴¹ João Calvino, *As Institutas*, (1541), II.5.

¹⁴² J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 8.28,29), p. 293,295.

¹⁴³ João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Parakletos, 1998, (Gl 5.14), p. 164.

¹⁴⁴ J. Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 6.10), p. 160.

foi ela renovada e restaurada pelo Espírito de Cristo”.¹⁴⁵

Continuando, diz Calvino: “Portanto, quem quer que seja dos homens que agora se te depare que careça de tua ajuda, causa não tens por que te furtas e assisti-lo. Dize que é ele um estranho: o Senhor, no entanto, imprimiu-lhe um traço que te deve ser de um membro da família, em razão de que veda desprezada tua própria carne [Is 58.7]; dize que é ele desprezível e sem valor: o Senhor, no entanto, mostra ser ele um a quem dignou da honra de Sua imagem; dize que de nenhuns serviços seus estás em dívida para com ele: Deus, no entanto, como que o subestabelece em Seu lugar, para com quem hajas, destarte, de reconhecer tantos e tão grandes benefícios, com os quais a Si te há Ele envencilhado; dize que indigno é ele de que por sua causa faças sequer o mínimo esforço, digna, no entanto, é a imagem de Deus, pela qual se te recomenda ele, a que te ofereças a ti próprio e a tudo que tens”.¹⁴⁶

Não há desculpas para nós nos omitirmos em nosso amor e perdão: “Seja quem for que se apresente a nós como necessitado do nosso auxílio, não há o que justifique que nos neguemos a servi-lo. Se dissermos que é um estranho, o Senhor imprimiu nele uma marca que deveríamos reconhecer facilmente. Se alegarmos que é desprezível e de nenhum valor, o Senhor nos contestará, relembrando-nos que o honrou criando-o à Sua imagem. Se dissermos que não há nada que nos ligue a ele, o Senhor nos dirá que se coloca no lugar dele para que reconheçamos nele os benefícios que Ele nos tem feito. Se dissermos que ele não é digno de que demos sequer um passo para ajudá-lo, a imagem de Deus, que devemos contemplar nele, é digna de que por ela nos arrisquemos, com tudo o que temos. Mesmo que tal homem, além de não merecer nada de nós também nos fez muitas injúrias ultrajantes, ainda assim isso não é causa suficiente para que deixemos de amá-lo, agradá-lo e servi-lo. Porque, se dissermos que ele não merece nada disso de nós, Deus nos poderá perguntar que é que merecemos dele. E quando Ele nos ordena que perdoemos aos homens as ofensas que nos fizeram ou fizerem, é como se o fizéssemos a Ele (Mt 6.14,15; 18.35; Lc 17.3)”.¹⁴⁷

Considerando a possibilidade de nos determos equivocadamente na maldade alheia, diz: “Se com nosso amor cubrimos e fazemos desaparecer as faltas do próximo, considerando a beleza e a dignidade da imagem de Deus nele, seremos induzidos a amá-lo de coração. (Ver Hb 12.16; Gl 6.10; Is 58.7; Mt 5.44; Lc 17.3,4)”.¹⁴⁸

¹⁴⁵ J. Calvino, *Institutas*, III.7.6. Ver também: J. Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 6.10), p. 160.

¹⁴⁶ J. Calvino, *Institutas*, III.7.6.

¹⁴⁷ João Calvino, *As Institutas*, (1541), IV.17.

¹⁴⁸ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, p. 38.

4. A Imagem de Deus e a Piedade:

Calvino afirma que o brilho da imagem de Deus no homem se constitui em motivo para que este O adore. Ele diz que “assim como Deus deve ser adorado por todas as suas obras, Ele o deve ser especialmente pelo homem, em quem Sua imagem e glória peculiarmente brilham”.¹⁴⁹

Ele entende que a ofensa ao homem é antes de tudo ofensa a Deus, de quem o homem é portador da imagem. Deste modo, os verdadeiros adoradores honram a Deus, sem maldizer o seu próximo, que é a imagem de Deus. Continua: “esta hipocrisia não pode ser tolerada, quando o homem emprega a mesma língua para adorar a Deus e maldizer o homem. Não pode haver nenhum direcionamento a Deus, Seu louvor deve cessar, quando a maledicência prevalece. Isto é a profanação ímpia do nome de Deus, quando a língua é virulenta contra o seu irmão e ao mesmo tempo finge adorar a Deus. Desta forma o homem não pode adorar a Deus, a maledicência contra o nosso irmão deve ser corrigida”.¹⁵⁰

Com o propósito de escapar desta implicação, alguns afirmavam que este não é um pecado de fato contra Deus, uma vez que a imagem de Deus fora deformada com o pecado. No entanto, Calvino diz que “quando alguém objeta ao dizer que a imagem de Deus na natureza humana foi manchada pelo pecado de Adão, devemos, entretanto, [responder] que ela foi miseravelmente deformada, mas de uma forma que algumas de suas características ainda permanecem. Justiça, retidão e a liberdade de escolher o que é bom, foram perdidas. Entretanto muitos dons excelentes, pelas quais nós superamos a rudeza, ainda permanecem. Aquele, pois que verdadeiramente adora e honra Deus, terá medo de caluniar o homem”.¹⁵¹

A piedade é, portanto, uma relação teologicamente orientada do homem para com Deus em sua devoção e reverência e, a sua conduta bíblicamente ajustada e coerente com o seu próximo. A piedade envolve comunhão com Deus e o cultivo de relações justas com os nossos irmãos. “A obediência é a mãe da piedade”, resume Calvino.¹⁵²

5. A Imagem de Deus e o Quinto Mandamento:

Calvino diz que a obediência é a espécie do gênero honra.¹⁵³ “É impossível-

¹⁴⁹ John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, (Tg 3.9) p. 322.

¹⁵⁰ John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, (Tg 3.9), p. 322-323.

¹⁵¹ John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, (Tg 3.9), p. 323.

¹⁵² John Calvin, *Commentaries of the Four Last Books of Moses*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (*Calvin's Commentaries*, Vol. II/1), 1996 (Reprinted), (Dt 12.32), p. 453.

¹⁵³ João Calvino, *Efésios*, (Ef 6.1), p. 178. Em outro lugar Calvino explica o significado de honrar os pais: “Que os filhos sejam humildes e obedientes a seus pais, os honrem e reverenciem; que

vel não pensarmos em nosso pai e em nossa mãe sem sentir profundo respeito; e em relação a eles, a veemência áspera deve ceder lugar à brandura”.¹⁵⁴

A paternidade humana é uma honra concedida por Deus ao ser humano; Pai de forma absoluta é somente Deus. Somos pais, “porque Deus outorgou fazer-[nos] participantes da honra que é própria exclusivamente dEle”.¹⁵⁵ Portanto, “ao intentar contra nosso pai ou mãe, fazemos guerra com Deus. Pois ele imprimiu a sua estampa neles, e o seu título faz-nos saber que Deus os coloca, como se estivessem, em Seu lugar”.¹⁵⁶ Calvino afirma que quando “menosprezamos nossos pais e mães, e desprezamos o cumprimento do nosso dever perante eles, Deus é expressamente ofendido por isso, não apenas porque quebramos um dos mandamentos da lei, mas também porque desprezamos a sua majestade, a qual pais e mães tem de certa forma”.¹⁵⁷

Ele argumenta afirmando ser este o motivo de haver severa punição na lei para os filhos desobedientes. Aqueles que desobedeciam aos seus pais não ofendiam a eles primariamente, mas afrontavam a Deus, Quem os instituiu, investindo-lhes de poder e lhes imprimindo Sua imagem. Em suma, a desobediência aos pais, é uma negação do próprio homem, que é a imagem e semelhança de Deus. “Quando a criança não consegue encontrar em seu coração submissão aos seus pais e mães, e Deus assim fala [condenando], é para nos mostrar que este é um crime tão ultrajante e perverso, pois é como se eles estivessem completamente dispostos a abolir sua [própria] natureza”.¹⁵⁸

Os filhos, portanto, cheios do Espírito, revelam a sua condição espiritual no seu relacionamento com os seus pais, amando, obedecendo e honrando-os “no Senhor”. A autoridade dos pais passa previamente pela submissão ao nosso Soberano Pai que é Deus; obviamente a nossa fidelidade a Deus tem a primazia num possível conflito de senhores.¹⁵⁹ E no caso de pais que não agem conforme as instruções bíblicas, sendo relapsos e incrédulos, como os filhos devem se portar? “É vontade do

com seus próprios trabalhos lhes ajudem em suas necessidades, e que estejam a seu mandado, como são a eles obrigados” [João Calvino, *Catecismo de Genebra*, Perg. 186. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, p. 69]. Acrescenta: “Pouco importa que sejam dignos ou indignos de receber esta honra, pois, sejam o que sejam, o Senhor nos deu por pai e mãe e deseja que lhes honremos” [Juan Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, p. 24]. Ver: J. Calvino, *As Institutas*, II.8.35-36.

¹⁵⁴ João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (1Tm 5.1), p. 128.

¹⁵⁵ John Calvin, *Sermons on Ephesians*, Carlisle: Banner of the Truth, 1987 (reimp), p. 623. “Aqueles a quem faz partícipes destes títulos ilumina-os como que com uma centelha de Seu fulgor, de sorte que sejam, cada um, dignos de honra de conformidade com sua posição de eminência. Destarte, aquele que nos é pai, nele é próprio reconhecer algo divinal, porquanto não sem causa é portador do título divino” [João Calvino, *As Institutas*, II.8.35].

¹⁵⁶ John Calvin, *Sermons on Ephesians*, p. 623.

¹⁵⁷ John Calvin, *Sermons on Ephesians*, p. 623.

¹⁵⁸ John Calvin, *Sermons on Ephesians*, p. 623.

¹⁵⁹ Vd. J. Calvino, *As Institutas*, II.8.38.

Senhor que sirvamos àqueles que nos colocaram nesta vida. Não importa se eles são ou não dignos desta honra porque, seja o que forem, eles nos foram dados como pais e mães pelo Senhor que deseja que os honremos”.¹⁶⁰ Devemos ter em mente que todos nós estamos sujeitos à Lei de Deus: Maridos, esposas, pais e filhos. “Ao contrário, então, o fato é que nenhum de nós deve ficar verificando como o outro cumpre ou não o seu dever, mas cada um de nós deve tão-somente ter em mente e diante dos olhos o que deve fazer para cumprir o seu próprio dever.”¹⁶¹ Portanto, os filhos devem perseverar em obedecer e honrar seus pais, visto que isto é justo diante de Deus e Ele mesmo efetuará a Sua justiça conforme o Seu propósito eterno.

A nossa vida espiritual não pode estar dissociada do nosso viver cotidiano; o Espírito deu-nos uma nova ótica na qual a nossa compreensão da vida foi mudada e, conseqüentemente, as nossas relações foram refeitas à luz da nossa nova compreensão e do poder do Espírito. O tratamento digno e respeitoso que conferimos aos nossos pais é uma evidência da nossa comunhão com o Espírito (Cl 3.20). Essa obediência no Senhor é justa diante de Deus e, na obediência fiel a Deus, somos abençoados por Ele mesmo.

Considerações Pontuais:

Como vimos, desde o Iluminismo prevalece a compreensão de que o homem, através da sua razão, é a lei para si mesmo; é ele quem se governa (autonomia) não um outro (heteronomia). Dentro desta perspectiva otimista, cria-se uma religião humanista, “centralizada pela idéia do homem e de suas potencialidades”. Deste modo, “o homem deve desenvolver a força da sua razão, para que possa entender a si próprio, as suas relações com os seus semelhantes e o lugar que ocupa no universo. (...) Dentro do esquema da religião humanista, Deus aparece como símbolo dos próprios poderes humanos,¹⁶² do que o homem procura realizar na vida, e não como símbolo de força e dominação, escravizando o homem pelo seu poder”. Isto é o que sustenta o psicanalista Erich Fromm (1900-1980).¹⁶³ Para ele, a religião que parte do Outro, de Deus, ele considera um “sentimento teísta autoritário”, tão bem representado por Calvino.¹⁶⁴

O secularismo consiste na pretensão humana em ser autônomo, reduzindo a realidade à nossa percepção limitada do concreto: O real é o concreto ou o que do concreto se pode perceber. Aqui temos uma questão epistemológica. No secularismo a criatura assume o lugar de Criador (Rm 1.25); Deus é descartado ou, no mínimo colocado num lugar decorativo onde a sua presença não é notada nem a sua falta sentida. Aqui temos um “ateísmo prático.” Notemos que a autonomia sempre será

¹⁶⁰ João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, GO: Logos Editora, 2003, Cap. 8, p. 27

¹⁶¹ João Calvino, *As Institutas*, (1541), IV.16.

¹⁶² Cf. Erich Fromm, *Psicanálise e Religião*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, Ltda., 1962, p. 61.

¹⁶³ Erich Fromm, *Psicanálise e Religião*, p. 47-48.

¹⁶⁴ Erich Fromm, *Psicanálise e Religião*, p. 46.

heteronômica, visto que não há alternativa: ou servimos ao pecado – ou seja, a nós mesmos e à nossa perspectiva distorcida da realidade¹⁶⁵ –, ou servimos a Deus, em Quem de fato temos uma "autonomia teológica".

Num mundo amplamente secularizando, onde os valores terrenos tendem a cada vez mais não simplesmente ter a hegemonia, mas, a totalidade da existência humana, creio que a compreensão de Calvino e da Teologia Reformada têm um papel muito especial a desempenhar na sociedade em apontar de forma concreta para o sentido da vida humana e a necessidade do homem relacionar-se com o seu Criador. "Somente quando há fé na conexão orgânica do Universo, haverá também a possibilidade para a ciência subir da investigação empírica dos fenômenos especiais para o geral, e do geral para a lei que governa acima dele, e desta lei para o princípio que domina sobre tudo", conclui Kuyper.¹⁶⁶

O homem partilha de duas identidades: uma divina e outra animal. Em certo sentido nós não somos diferentes dos cães, gatos, macacos e de outros animais, visto que todos nós fomos criados por Deus; neste sentido há, digamos assim, uma igualdade: toda criação é proveniente da vontade de Deus.

Salomão, na velhice, mostrando a nulidade da sabedoria do homem e a fragilidade da vida humana, escreve: *"Porque o que sucede aos filhos dos homens, sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos tem o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vanglória tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó, e ao pó tornarão"* (Ec 3.19,20).

Se por um lado o homem partilha com os outros animais de uma identidade de criação, por outro, estabelece-se biblicamente uma grande distância entre o homem e o resto da criação porque fomos criados à imagem de Deus, por isso, somos seres pessoais como Deus é, temos uma personalidade que permite não nos limitarmos ao nosso corpo, embora este faça parte de nós e não lhe seja algo mau, inferior ou desprezível: a alma e o corpo são criações de Deus e, Ele mesmo pelo Seu poder ressuscitará o nosso corpo na vinda gloriosamente triunfante de Jesus Cristo.

Entretanto, o homem tem seus limites físicos, intelectuais, morais e espirituais; isto se deve basicamente por ser ele criatura e não Criador e, também, em decorrência do seu pecado que trouxe como consequência a morte (Rm 6.23). A Bíblia apresenta com freqüência as limitações do homem e, em muitas das vezes, a nossa debilidade é manifesta em decorrência da comparação feita entre nós criaturas e Deus Criador e Senhor de todas as coisas. A Teologia deve acenar de forma contundente para a questão da necessidade do homem que agoniza em seus referenciais seculares, mostrando o caminho do transcendente, do Deus da revelação bíblica como Aquele que confere sentido à existência e a todo saber.

A Palavra nos diz que Jesus Cristo morreu, segundo a vontade de Deus, para nos libertar do domínio do mundo, dos valores da mundanidade que contaminam nossa

¹⁶⁵ Ver Emil Brunner, *O Escândalo do Cristianismo*, São Paulo: Novo Século, 2004, p. 10.

¹⁶⁶ Abraham Kuyper, *Calvinismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 123.

maneira de perceber e atuar na realidade, a fim de que vivamos para Ele. Paulo escreve: "O qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai" (Gl 1.4).

Numa sociedade onde a realidade é socialmente construída não há lugar para absolutos; tudo torna-se relativo. Deste modo, tudo é possível dentro dos significados conferidos pelas pessoas individualmente. Acontece, que o homem em sua finitude envolto no paradoxo de sua animalidade e prodigialidade, tão bem descrito por Pascal (1623-1662)¹⁶⁷ precisa de um referencial para si fora de si mesmo e da sociedade na qual está inserido. Nesta altura, parece-nos oportuno o comentário de Lloyd-Jones (1899-1981), quando observa que Jesus Cristo viveu séculos depois de um período de exuberância intelectual, marcado pelos maiores luminares do pensamento grego – Sócrates, Platão e Aristóteles –, no entanto, diante de um auditório de formação modesta e em geral de recursos débeis, Jesus diz: "Vós sois a luz do mundo" (Mt 5.14).¹⁶⁸ Na realidade, e isto é extremamente estimulante, a Igreja como povo de Deus é desafiada em sua própria existência e testemunho a ser o sal da terra e luz do mundo; e isso ela faz, não pelo acúmulo de conhecimento – que sem dúvida através da história tem revelado de modo indelével a "graça comum" de Deus –, nem pela acomodação aos valores hodiernos buscando uma maior popularidade, mas no discernimento dado por Deus para agir no mundo, com a sabedoria do alto, aquela que dá sentido e utilidade eficaz ao conhecimento. Sem a sabedoria concedida por Deus, o conhecimento humano toma-se motivo de pretensão frívola ou um fardo que nos permite ver mais claramente aspectos da realidade sem, contudo, ter a solução definitiva. O iluminismo sobre muitos aspectos trouxe não a luz, mas as trevas.¹⁶⁹ Ele propôs uma autonomia que jamais poderia ser alcançada, visto que a genuína "autonomia" exige a coragem da "teonomia", a submissão aos princípios de Deus expressos em Sua Palavra. Sem o discernimento concedido por Deus, não temos condições de avaliar a nossa época e apresentar a resposta cristã ao desespero do homem sem Deus e sem valores definidos. Os valores reais não são simplesmente socialmente construídos, antes provém do Deus transcendente e pessoal que Se revela e Se relaciona conosco.

Portanto, a esperança para o mundo em última instância, não está na ciência, mas nos homens fiéis a Deus, que usam dos recursos fornecidos por Deus para a Sua Glória. Deste modo, a Igreja como luz do mundo e sal da terra, se constitui numa bênção inestimável para toda a humanidade. Esta verdade precisa ser proclamada quer pela palavra quer, principalmente pela nossa perspectiva do mundo que se materialize em nossas ações. A fé *cristã* que não se materializa não é de fato

¹⁶⁷ "É perigoso fazer ver demais ao homem quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver demais a sua grandeza sem a sua baixaza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas é muito vantajoso representar-lhe ambas" [Blaise Pascal, *Pensamentos*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVI), 1973, V1.418. p. 139].

¹⁶⁸ D.M. Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, São Paulo: FIEL., 1984, p. 151.

¹⁶⁹ Conforme já citamos: "No tocante ao reino de Deus e a tudo quanto se acha relacionado à vida espiritual, a luz da razão humana difere pouquíssimo das trevas; pois, antes de ser-lhe mostrado o caminho, ela é extinta; e sua perspicácia não é mais digna que a cegueira, pois quando vai em busca do resultado, ele não existe. Pois os princípios verdadeiros são como as centelhas; essas, porém, são apagadas pela depravação da natureza antes que sejam postas em seu verdadeiro uso" [João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.17), p. 134-135].

Cristianismo.

A questão antropológica é, na realidade, uma questão teológica. A nossa verdadeira humanidade está em nossa reconciliação com Deus em Cristo Jesus, se evidenciando em nossa conformidade à Sua imagem (Rm 8.29).

Maringá, 24 de dezembro de 2009.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa